

Relatório do Seminário:

"A ESCOLA E A ALDEIA TAPIRAPÉ: UM LEVANTAMENTO INICIAL VISANDO O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS E SOCIAIS ENTRE OS ÍNDIOS".

Participantes:

-Equipe Interdisciplinar da UNICAMP e USP:

Márcio D'Olne Campos - Etnociência e Etnoastronomia

(Instituto de Física Gleb Wataghin e NIMEC, UNICAMP)

Eduardo Sebastiani Ferreira

(Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação e NIMEC, UNICAMP)

Regina de Assis -

Depto. de Psicologia Educacional, UNICAMP.

Renate B. Viertler -

Antropóloga do Depto. de Ciências Sociais FFLCH e USP.

-Equipe Indigenista da Prelazia de S. Félix do Araguaia:

Lázaro Dirceu Mendes de Aguirre

Eunice Dias de Paula

Luiz Gouvêa de Paula

Mirthes Versiani dos Anjos

-Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Santa Terezinha:

Maria Benvida Moraes

Valdivino Moreira da Silva

Regina Borela

-Secretaria de Educação da Prefeitura de São Félix do Araguaia:

Maria Tereza Figueiredo Barbarin

-Ouvinte:

Tereza Escame

I - Apresentação dos Participantes e informes sobre a situação do ensino de Ciências e Matemática na região:

Num primeiro momento houve a apresentação dos participantes com enfoque sobre os trabalhos desenvolvidos por cada um. A seguir foram levantados os principais problemas de ensino, pelos participantes das áreas indígenas e das prefeituras.

Questões levantadas:

- dificuldade de seguir um programa escolar, respeitando uma sequência lógica e, ao mesmo tempo, aproveitando as circunstâncias e situações que surgem no dia a dia da escola. Por exemplo, o tempo mais propício para o estudo do tema água (usos, contaminação, etc) é o início do ano letivo, pois coincide com o tempo das grandes enchentes. No entanto, no programa desenvolvido nas escolas municipais este tema está previsto para o tempo da seca.

- o conteúdo dos programas nem sempre leva em conta as situações locais - a escola ensina as quatro estações do ano, quando na região só existem duas: verão (tempo das secas) e inverno (tempo das chuvas).

- os pais tem uma expectativa tradicional com relação à escola e o que ela oferece a seus filhos. Os programas e o modo como as aulas são dadas são muitas vezes criticadas pelos pais porque no tempo que eles estudaram não era assim. Muitos exigem até o uso da palmatória. Há reações negativas com relação à cartilha usada nas escolas da região, porque elas tratam de temas regionais como o milho, a capivara, o rancho, etc.

Os tapirapé, por sua vez, tem como referência a escola do "tori" (=não-índio) dificultando assim a proposta de uma escola mais adaptada à sua cultura e realidade.

- dificuldade de se conciliar, no currículo da escola tapirapé, o nosso conhecimento científico e o saber indígena, sem que haja imposição de nossa parte com uma conseqüente desvalorização da cultura autóctone.

II- Viagem ao Tapirapé:

No dia 1º de abril os professores da UNICAMP juntamente com Eunice e Luiz foram à aldeia para ter um contato com os Tapirapé, e conhecer melhor o trabalho da escola.

Lá puderam conversar com os Tapirapé sobre vários assuntos, como astronomia, produção de artesanato, etc. Observaram atividades como a fabricação de farinha, a construção de casa, outros trabalhos dos adultos e brincadeiras das crianças, jogos, banhos, etc.

Na escola viram os trabalhos realizados pelos alunos: cartazes, desenhos, cadernos de redação, e a seguir discutiram as dificuldades pedagógicas observadas nas cartilhas tapirapé, e sobretudo no livro pré-escolar.

Na noite de 02/04 tiveram também oportunidade de conversar no terreiro da Takãra, com um grupo de homens, sobre a finalidade da presença da equipe interdisciplinar na aldeia e os planos de colaboração com a escola Tapirapé.

A viagem, propriamente dita, foi um ótimo meio de entrar em contato com a realidade da região e da aldeia. A viagem de ida foi de barco, dando oportunidade para verem a vegetação das margens do Araguaia, algumas aves, os limites da área Tapirapé, o relevo, etc. Voltaram de trator, passando pelas capoeiras, roças, matas e por áreas de pasto das fazendas.

III - Grupo de Estudo sobre o livro "A Criança e o Número"

Enquanto Luiz e Eunice acompanhavam a equipe de professores da UNICAMP e USP, outro grupo, composto por Maria Benvinda, Maria Tereza, Valdivino e Dirceu, se reuniu para estudar e discutir o livro "A Criança e o Número", de Constance Kamii, que faz uma análise das relações da criança com o número, numa perspectiva piagetiana. Só foi possível estudar dois capítulos, por razões de tempo. Foram levantadas várias questões, que foram elucidadas pela professora Regina, na sua volta da aldeia e com todo o grupo reunido.

IV - Conclusões:

Durante as discussões tornou-se claro que o ensino das Ciências, e sobretudo o da Matemática, está desligado do contexto local (indígena, urbano e rural) e também não integrado com as outras áreas de estudo. Embora seja usado material concreto, esse mesmo material (pedrinhas, sementes, etc) é deslocado do contexto da natureza, ou mesmo das situações normais em que esses objetos se apresentam. Por outro lado, vimos exemplos de brincadeira como o arco, flecha, jogo de peteca, amarelinha, arapuca, etc, que oferecem situações concretas, e que poderiam ser aproveitadas para o estudo da Matemática.

No caso da geometria, embora seja uma ciência muito importante no desenvolvimento do pensamento, nos nossos programas ela é colocada como um apêndice e nem sempre há tempo de ser estudada.

Constatamos que nós, que trabalhamos com educação, e muitas vezes na orientação de professores, temos nos dedicado mais à comunicação e expressão, e não nos sentimos devidamente preparados para uma nova orientação do ensino das Ciências e Matemática.

Os professores da UNICAMP apresentaram experiências que estão sendo realizadas em escolas de periferia, a partir de temas geradores, nos aspectos que abrangem as várias disciplinas. Por exemplo: a partir de um gafanhoto que entrou numa sala de pré-escolar a professora estudou o tema crescimento, em todas as áreas.

Na cultura Tapirapé o processo de conhecimento e ensino se desenvolve sempre a partir de realidades concretas: - a criança aprende fazendo. Um canto, por exemplo, quase nunca é ensinado fora do contexto ritual em que se apresenta. Portanto, se a escola desenvolve um ensino que não leva em conta o contexto, violentará a própria cultura tapirapé.

Diante de tudo o que foi visto, torna-se evidente a necessidade de uma pesquisa dos processos de construção do conhecimento nos contextos urbanos, rural e indígena da região. Para tan-

to, será necessário o assessoramento de especialistas em diferentes áreas de ensino.

No decorrer das discussões de todo o seminário, desenvolvidas a partir dos fatos concretos da realidade escolar, tornou-se cada vez mais evidente a inadequação do conteúdo e prática pedagógica das escolas à realidade sócio-cultural e ao processo de construção do conhecimento das populações indígenas, rural e urbana que aí vivem.

A partir dessas constatações surgiram duas propostas de encaminhamento dos trabalhos, visando desenvolver uma ampla pesquisa na região, abrangendo os três contextos sociais acima referidos. Essa pesquisa, com a análise subsequente, seria desenvolvida com a participação e orientação científica dos professores de várias disciplinas com o objetivo de conhecer de maneira sistemática os processos de construção do conhecimento e a cosmovisão das populações dos três contextos, o que levaria a uma formação mais adequada dos professores, a uma nova proposta curricular e a produção de material didático.

Concretamente, a pesquisa nas áreas urbana e rural ficou a cargo dos membros das secretarias de educação municipais presentes no seminário. A pesquisa em áreas indígenas ficou a cargo da equipe indigenista. Maria Tereza Figueiredo Barbarin foi escolhida como coordenadora de toda a equipe local.

Santa Terezinha, 06 de abril de 1985.

Cuiabá, 07 de outubro de 1985

Companheiros!

Aí vão, em anexo, dois relatórios, tendo em vista o próximo Encontro de Educação Indígena. Um deles, apresenta os encaminhamentos e resultados da visita de uma equipe da UNICAMP à área Guaraní. O outro, da Lorabna, coloca as perspectivas de trabalho junto aos Hanomani.

As pessoas que participaram da Assembléia Nacional do CIMI, receberam da Adélia um relatório sobre o "Quadro da situação escolar das aldeias Guaraní do MS". Adélia está atualizando este relatório, que será oportunamente enviado a todos.

Na medida em que ficarem prontos os relatórios, peço que sejam remetidos a Cuiabá - até meados de novembro - para serem multiplicados e reenviados às pessoas convidadas para o próximo Encontro. Posteriormente, será importante que todos levem os relatórios recebidos para o Encontro, onde serão a base de discussão do trabalho da gente.

Quanto à assessoria, Carlos Brandão escreveu sobre a viagem que fará à Itália (cf. circular de 15/07/85), e a impossibilidade de participar do Encontro. A partir daí, Darci e eu fizemos alguns contatos, dos quais resultou uma conversa com Bruno Pucci, do departamento de Pedagogia da UFMT, que se interessou e se dispôs a colaborar conosco como assessor pedagógico, confirmando sua participação no Encontro.

Em meados de agosto, entrei em contato com a OXFAM, na pessoa do Anthony, que se dispôs, novamente, a ajudar no financiamento da infra-estrutura do Encontro.

Seria isto para o momento, amigos.

Um abraço a todos!

OBS: CHEGOU A POUCOS DIAS O RELATÓRIO DA BETH, QUE APROVEITAMOS A OPORTUNIDADE P/ ENVIÁ-LO.

